

A ANTIVIRADA LINGUÍSTICA DE GILLES DELEUZE E SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO

*ANTI-TURN LANGUAGE OF GILLES DELEUZE AND ITS IMPORTANCE FOR
EDUCATION*

*EL ANTI-VUELCO LINGÜÍSTICO DE GILLES DELEUZE Y SU IMPORTANCIA
PARA LA EDUCACIÓN*

Solange Puntel Mostafa

Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC/SP.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo (USP)
Ribeirão Preto – SP - Brasil

Endereço:

Av. Bandeirantes, 3900
Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP
CEP: 88306-120

E-mail:

smostafa@terra.com.br

Resumo: Discute a virada linguística de Wittgenstein para distingui-la da pragmática deleuze-guattariana e assim especificar melhor o debate nos referenciais teóricos da educação, os quais têm sido realizados por meio das análises epistemológicas em dissertações e teses brasileiras na área da Educação assinadas por autores situados na abordagem materialista histórica do marxismo, levando o debate a conclusões apressadas sobre a virada linguística e a pragmática deleuziana. Para tal, são realizados esclarecimentos sobre as maneiras com que Deleuze entende a Linguagem e suas relações com a Filosofia ao desenvolver sua pragmática, que é bem distinta do que se convencionou chamar de “virada linguística”.

Palavras-chave: Virada linguística. Pragmática deleuziana. Abordagens teóricas em Educação.

Abstract: This work discusses the linguistic turn of Wittgenstein and distinguishes it from Deleuze-Guattarian pragmatics, seeking to clarify the debate on educational theoretical frameworks, which it does through the epistemological analyzes of Brazilian theses and dissertations in the field of Education, written by authors who have opted to embrace the historical materialistic approach of Marxism, leading the debate to hasty conclusions about the linguistic turn and the Deleuzian Pragmatics. Clarifications are given on the ways in which Deleuze understands language and its relations with his philosophy when developing his pragmatics which is quite distinct from what is conventionally called “linguistic turn”.

Keywords: Linguistic turn. Deleuzian pragmatics. Theoretical approaches in Education.

Resumen: Discute el vuelco lingüístico de Wittgenstein para distinguirlo del pragmatismo deleuze-guattariano y así especificar mejor el debate acerca de los referentes teóricos de la educación, que han sido realizados por medio de los análisis epistemológicos, en disertaciones y tesis brasileñas en el área de la Educación, firmadas por autores ubicados en el enfoque materialista histórico del marxismo, llevando el debate a conclusiones apresuradas sobre el vuelco lingüístico y el pragmatismo deleuziano. Para ello, se realizan aclaraciones sobre la manera en que Deleuze entiende el Lenguaje y sus relaciones con la Filosofía al desarrollar su pragmatismo, que es muy distinto de lo que se convino en llamar “vuelco lingüístico”.

Palabras clave: Vuelco lingüístico. Pragmatismo deleuziano. Enfoques teóricos en Educación.

INTRODUÇÃO

A importância da Epistemologia aliada aos estudos Bibliométricos vem sendo destacada em várias pesquisas educacionais em nível de mestrado e doutorado. Isto porque a Bibliometria, ao produzir indicadores da produção acadêmica, aponta tendências temáticas, autores, canais de comunicação e proveniências institucionais e geográficas. Mas fica faltando analisar os caminhos percorridos pela ciência; tal é a função da Epistemologia. Três perguntas estão sempre envolvidas no tema epistemológico: o que é o conhecimento, o que podemos conhecer e como conhecemos o que conhecemos (GRECO; SOSA¹ apud MOSTAFA 2013, p. 14).

Assim temos visto surgir pesquisas bibliométricas diferenciadas de simples estudos quantitativos, em que pese a complexidade do volume informacional hoje disponível e exigindo uma estatística também avançada na produção de índices da avaliação da produção científica. As teses a que nos referimos não são tão complexas em nível estatístico, mas seus achados têm abrangido itens próprios ao contexto da produção acadêmica, como as referências bibliográficas utilizadas em cada caso, as posturas teóricas dos orientadores dos programas de pós-graduação ou as palavras-chaves destacadas em seus

resumos. Além de análise das posturas epistemológicas em cada caso, visto que autores são sempre autores de determinadas ideias e não outras.

A análise das ideias epistemológicas junto aos indicadores da produção científica torna-se assim necessária se quisermos apontar contextos de produção do conhecimento. Os teóricos da Epistemologia preocupam-se com duas ordens de questão: as teorias do conhecimento e a sua justificação e as teorias da investigação. Os filósofos ou epistemólogos analisam nossas crenças contextualizadas ou não, seus pressupostos, os avanços ou os retrocessos nos conceitos e as ideias que elaboramos sobre o mundo, e os psicólogos ou os pedagogos preocupam-se com o contexto da investigação, que é o contexto da descoberta, isto é, analisam como chegamos a ter essas crenças ou opiniões.

É no contexto da justificação que poderemos perceber a história do conhecimento científico, seus avanços ou recuos, os conhecimentos novos e os já superados. É por isso que se diz que a Epistemologia estuda a gênese, a constituição e a estruturação da ciência ou do conhecimento científico.

Assim Coelho (2013, p.34) tem por objetivo realizar uma “análise bibliométrica e epistemológica das teses de doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCAR”, para determinar qual o paradigma epistemológico que predominou em tais pesquisas e, assim, explicitar a relação entre a produção científica do PPGE da UFSCAR e as mudanças que ocorreram no contexto histórico-social e, também, na pesquisa em Educação no Brasil a partir da década de 1990.

Coelho assume o referencial teórico do materialismo histórico para realização desta sua tese de doutorado. Encontraremos neste autor extensa história da educação no Brasil, dos primórdios até a nossa contemporaneidade, bem como os vinte séculos de história da filosofia e ainda leremos, no mesmo trabalho, a trajetória dos quarenta anos de Bibliometria no Brasil; há ainda um cotejo entre seus achados e a classificação das abordagens propostas por Sánchez Gamboa (1987-88), a saber: empírico-analítica (Nagel; Popper), fenomenologia (Husserl, Merleau-Ponty; Ricoeur), materialista histórica (Marx; Engels; Gramsci), neomarxistas (Escola de Frankfurt e Escola de Budapeste) e as epistemologias pós-modernas (O Giro Linguístico, o Pós-Estruturalismo e a Epistemologia da Complexidade).

Do próprio Sánchez Gamboa importa destacar apenas este último texto do giro linguístico (2007) no qual o autor contrapõe abordagens inspiradas em Wittgenstein (o do Tractatus) exemplificadas com as filosofias, dentre outras, de Deleuze e Foucault com as ontologias realistas da escola de Luckács, Prigogine e Maturana. Acresce-se a isso o fato de Sánchez Gamboa ter se

tornado referência brasileira na análise de dissertações e teses por meio de suas matrizes paradigmáticas propostas em sua tese de doutorado em 1997.

Sem recurso à teorização bibliométrica clássica desenvolvida pela Ciência da Informação, mas relacionando Epistemologia e os programas considerados de excelência e com padrão internacional pela Comissão de Avaliação da Área de Educação (CAED) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), está a contribuição importante de Hostins (2013). A autora identifica acentuada presença de posturas pós-estruturalistas nos programas e reclama por maior debate no interior dos programas entre posturas realistas e pós-realistas que melhor possam embasar a formação teórica dos educadores nos programas de pós-graduação.

Para auxiliar nesse debate é que iremos desenvolver em que consiste a antivirada linguística de Deleuze, pois em todos esses autores inspirados na dialética marxista vai emergindo uma compreensão de que o filósofo integra a 'virada linguística' dos anos sessenta, ao lado de Michel Foucault, depreendendo daí as posturas 'irrealistas' nos dois filósofos. A necessidade de síntese nesses trabalhos produz, quiçá, efeitos de apagamentos das diferenças entre os autores pós-68 e, mais do que isso, deixa alguns deles apenas pincelados em finais de frases pouco ou nada explicitados. Tal é o caso de Deleuze cujas relações com a linguagem iremos explicitar dada a sua ausência nos manuais produtores de sínteses.

WITTGENSTEIN: O POMO DA DISCÓRDIA

Wittgenstein escreveu dois livros mais conhecidos: *Tractatus Lógico-Philosophicus* e *Investigações filosóficas*, o primeiro escrito em 1922 e as Investigações publicadas postumamente em 1953. Na análise de Sánchez Gamboa (2007) e de Coelho (idem), há menção ao primeiro Wittgenstein, o do *Tractatus*.

Como o próprio nome diz, o *Tractatus* analisa a linguagem sob o ponto de vista da lógica, vale dizer como a linguagem pode representar o mundo com suas coisas, objetos e acontecimentos. Delimita assim os limites da linguagem na lógica das proposições e estas deveriam coincidir perfeitamente com as coisas representadas por elas. Haveria uma estrutura lógica nas coisas e na linguagem. Refere-se então à teoria do significado referencial ou pictórica.

Já o segundo livro abandona a lógica e o isomorfismo entre linguagem e o mundo passando a entender a linguagem mais como hábito ou costume que vamos adquirindo ao longo da vida e das gerações, do que como expressão

lógica do mundo. A famosa expressão “jogos de linguagem” no plural denota vários hábitos ou costumes dos falantes em situações variadas.

Daí a ligação dos jogos de linguagem aos modos de vida que o filósofo austríaco chamará de formas de vida. A Filosofia no livro *Investigações filosóficas* é uma prática de identificação dos variados jogos de linguagem e sua gramaticalidade, pois o hábito de dizer certas coisas não elimina totalmente a lógica ou a gramática do que é dito; apenas não há mais, neste segundo Wittgenstein, uma lógica universal da linguagem por si mesma, mas apenas a lógica compartilhada por determinadas maneiras de viver, desde sempre variadas. Já que “representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 2000 I 19), ou, mais à frente, quando o autor ensina que “o termo jogo de linguagem deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (Idem I 23). Ou, ainda, no aforismo 25, onde lemos que “comandar, perguntar, contar, tagarelar pertencem à história da nossa natureza, assim como andar, comer, beber, jogar” (Idem I 25).

Em todos esses aforismos entendemos que a linguagem é parte de uma atividade e, portanto, não é simplesmente um dizer, mas é também um fazer, um atuar, uma instrumentalidade.

Mas um atuar baseado em regras compartilhadas. A partir daqui desenvolve-se a Filosofia da linguagem de origem anglo-saxã ou Filosofia analítica e Wittgenstein é uma figura central, pois o filósofo viveu grande parte da sua vida na Inglaterra, onde foi aluno de Bertrand Russel e Moore. Os nomes de Frege, Russel, Moore, o próprio Wittgenstein (o primeiro e o segundo), os neopositivistas, os lógicos, Popper, Quine e contemporaneamente filósofos da linguagem comum, como Putnam, ou Austin e Searle, são todos nomes compondo a área que chamamos de Filosofia Anglo-saxã ou Filosofia analítica.

FILOSOFIA ANGLO-SAXÃ E FILOSOFIA CONTINENTAL

A Filosofia analítica ou Anglo-saxã é esta vertente do pensamento contemporâneo que privilegia a linguagem em seus estudos. Filosofar é analisar o significado dos enunciados, das coisas ditas.

Mas há outra corrente da Filosofia que chamamos de Filosofia Continental por referir-se à Filosofia praticada na Alemanha e na França, onde despontam nomes mais conhecidos, como Hegel, Sartre ou Freud. É a Filosofia com suas perguntas clássicas sobre a existência, a Ética ou a estÉTica do mundo. Fazem parte da Filosofia continental toda a fenomenologia de Husserl e Heidegger ou

Merleau-Ponty, a hermenêutica de Gadamer ou Ricoeur, todos os autores do estruturalismo francês como Barthes, Althusser, Lacan e mesmo os chamados desconstrucionistas, como Michel Foucault, Jean-François Lyotard, Derrida ou Gilles Deleuze.

Dizemos então que a Filosofia Anglo-saxã inaugurou essa virada da Filosofia para a Filosofia da linguagem. Mas a França também fez a sua virada linguística principalmente por meio do estruturalismo das décadas de 1950 e 1960. A pergunta de pesquisa do estruturalismo era também em torno da linguagem: em que medida pode-se ler uma imagem da mesma maneira que lemos um texto escrito? Fossem imagens de publicidade (como em Roland Barthes), fossem imagens de cinema (como em Cristian Metz), fosse o tema da moda e demais aspectos da cultura. A fonte das reflexões estruturalistas estava baseada no pai da linguística, Ferdinand Saussure, cujas aulas datam do começo do século XX. Na metade do século, nas décadas de 1950 e 1960, a França iria fazer sua virada linguística baseada em Saussure, mas também em Marx, uma vez que o marxismo também foi corrente dominante na França dessas décadas.

A interlocução entre a Filosofia da linguagem Anglo-saxã e a Filosofia estruturalista francesa não foi tão clara, nem tão pacífica e às vezes demonstrando total desconhecimento entre uma e outra; talvez pelo fato da virada linguística Anglo-saxã ter-se dado muito antes das preocupações continentais; entretanto vemos, no final da década de 1960, autores como Lyotard dialogando com os jogos de linguagem de Wittgenstein para fazer a crítica às metanarrativas do tipo do funcionalismo ou do marxismo (aliás, Lyotard é muito mal compreendido pelos autores marxistas e quase nada lido). Vemos também Derrida viajando aos Estados Unidos na interlocução com Searle. E finalmente veremos Deleuze e Guattari assumindo as teses de Austin nos atos ilocucionários da linguagem (a força dos atos de linguagem), embora tomando de Nietzsche o conceito filosófico de força e de relações de força, com o que Deleuze e Guattari vão se diferenciar também de Austin, em quem se inspiram, por causa do individualismo metodológico praticado pela Filosofia Anglo-saxã.

AS CONVERGÊNCIAS ENTRE WITTGENSTEIN E DELEUZE/ GUATTARI

Identifiquemos de pronto algumas proximidades entre Wittgenstein e Deleuze e Guattari:

1. Crítica à Metafísica e ao substancialismo platônico;
2. Recusa ao mentalismo e adesão à linguagem como uma prática social;

3. Significado das palavras está no uso contextual que fazemos delas;
4. Somos treinados a obedecer; as palavras transmitem ordens e nem sempre estamos conscientes desta faculdade abominável;
5. Não existe enunciação individual e nem mesmo sujeito de enunciação, é sempre um coletivo que fala;
6. As palavras são instrumentos ou ferramentas para realização de algo;
7. Exigência de uma gramaticalidade comum para as coisas que dizemos que vai além da sintaxe correta das palavras e das frases;
8. Linguagem é treinamento, hábito, costume; não são apenas palavras, mas também gestos, expressão facial e posturas.

As regras linguísticas incluem gestos e certa linguagem corporal tanto quanto sintaxe, léxico e lições de gramática; há uma semiótica ou uma significação nas próprias práticas sociais, por exemplo, a maneira como dividimos o tempo (tempo de trabalho e o tempo de lazer) e o que fazemos dentro de nossos espaços temporais. Os filósofos franceses vão chamar nossos movimentos no mundo de agenciamentos:

- Agenciamentos maquínicos de corpos (corpos treinados, dóceis e disciplinados);
- Agenciamentos coletivos de enunciação (enunciação de palavras de ordem em circulação na sociedade num momento específico).

Isto equivale mais ou menos aos jogos de linguagem wittgensteinianos (enunciados) e às formas de vida (movimentos dos corpos). Mas em Deleuze e Guattari não há prioridade ou hierarquia entre os agenciamentos, vale dizer, a linguagem não é primeira em relação aos corpos e às coisas do mundo, apesar de reconhecerem o discurso indireto como o discurso característico da linguagem. Wittgenstein passa a maior parte do tempo de suas *Investigações* explicando a impossibilidade de uma linguagem privada; no aforismo 257, ao explicar como aprendemos o conceito de dor, atesta que esquecemos “[...] o fato de que já deve haver muita coisa preparada na linguagem, para que o simples denominar tenha significação”; em outras palavras, aprendemos o que é dor pela linguagem (p. 1).

Da mesma forma Deleuze e Guattari entendem que “[...] a linguagem não é estabelecida entre algo visto (ou sentido) e algo dito, mas vai sempre de um dizer a um dizer... ouvir dizer... todo discurso é indireto” (idem, p. 13). Mas isto não dá à linguagem o direito de fundamentar as experiências da existência, como parece ser o caso do filósofo austríaco.

Alguns comentaristas identificam as dificuldades em diferenciar os dois tipos de agenciamento deleuze-guattariano (maquínico e coletivo de enunciação); há também certa dificuldade em diferenciar as formas de vida e os jogos de linguagem wittgensteinianos (COLE, 2000; MCCLURE, 2001). Uma vez que um não pode ser adequadamente compreendido sem estar em relação com o outro. É como se surgissem de uma só vez, na dobra de uma vida. A categoria de articulação entre os agenciamentos proposta por Deleuze e Guattari é então a pressuposição recíproca.

Os jogos de linguagem não representam formas de vida, mas é como se a linguagem já fosse a própria vida. Elucida Wittgenstein: "Quando falo da linguagem devo falar a linguagem do cotidiano... já sou obrigado a empregar a linguagem inteira (e não uma preparatória, provisória) [e isto] já mostra que posso apenas produzir algo exterior sobre a linguagem" (I 120, p. 66). Isto é assim porque a linguagem não tem interior, afirma o filósofo austríaco.

Esclarecem Deleuze e Guattari que, se a linguagem humana sempre pressupõe a si mesma, e se não podemos partir de um ponto de vista não linguístico, é porque a linguagem vai sempre de um dizer a um dizer ou de um ouvir dizer. Moral da estória: os jogos de linguagem e as formas de vida se pressupõem reciprocamente.

Tanto quanto os agenciamentos de corpos (maquínicos) e os agenciamentos coletivos de enunciação. Pode-se dizer que os termos jogos de linguagem e formas de vida designam a dupla articulação da máquina social chamada respectivamente por Deleuze e Guattari de agenciamentos coletivos e maquínicos.

AS DIVERGÊNCIAS ENTRE WITTGENSTEIN E DELEUZE

Mas há outra noção em Deleuze que está ausente em Wittgenstein e que talvez fará toda a diferença entre ambos: é a noção de sentido ou acontecimento desenvolvida no livro *A Lógica do Sentido* (1968). Destarte, essa noção é um dos pontos em comum entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. Enquanto Wittgenstein se movimenta na esfera da significação ou no aspecto simbólico da linguagem, Deleuze prefere explorar o sentido como uma noção nova e distinta da significação, noção que nos encaminhará para sua maneira toda particular de entender a Filosofia, trinta anos mais tarde, no livro-testamento *O que é Filosofia?*

Aqui é preciso introduzir a noção estoica dos incorporais a fim de entendermos as transformações incorporais sofridas pelos corpos. Sim, a linguagem interfere em nossas vidas, em nossos corpos e no corpo do mundo.

A linguagem faz mais do que apenas significar o mundo. Mas ela também é transformada pelo movimento dos corpos que passam a suscitar novos jogos de linguagem.

É esta lógica especial a lógica do sentido que é distinta da lógica da significação. E talvez a noção de acontecimento ou de sentido seja o início marcante das diferenças entre os dois filósofos.

Todas as aproximações que identificamos entre Wittgenstein e Deleuze parecem referir-se ao lado corpóreo da linguagem, à linguagem como algo material e existente. Mas Deleuze parece ter identificado o outro lado da linguagem, o lado incorporal, esse que não fala e se preenche com os efeitos das coisas ditas. É o sentido do que é dito. Ora, o sentido como um efeito não foi preocupação de Wittgenstein, o qual centra sua análise naquilo que é visível na linguagem. O sentido tal como teorizado por Deleuze é algo que está na linguagem, mas não é linguagem. Se expressa na linguagem, mas é apenas um 'sentido'; não é linguajeiro, isto é, não encadeia proposições, é autorreferencial, põe-se a si mesmo.

Filosofar, para Wittgenstein, é descrever a linguagem em suas camadas de significação, através de uma visão panorâmica que inclua usos anteriores (primitivos) de palavras e expressões; eliminando dúvidas e hesitações sobre temas que não puderam e não podem ser expressos pela linguagem. O que está fora da linguagem não é objeto da Filosofia para o filósofo austríaco. Investigações filosóficas são investigações da linguagem. Deleuze não compartilha deste imperialismo da linguagem e nem desta concepção de Filosofia, apesar de não desconsiderar a linguagem como uma das linhas do rizoma.

Mas a rigor o rizoma é acentrado, não tem centro, é cruzamento incessante de linhas diversas e heterogêneas. Sua Filosofia vai muito além do uso da linguagem, apesar de assumir inteiramente as teses de Austin e principalmente os atos ilocucionários da linguagem, esses que têm a força de uma ação implícita.

Deleuze não está, portanto, tão distante das teses de Wittgenstein, o que nos possibilitou aproximá-los quando o assunto é estritamente linguagem. Mas a questão é que, para Deleuze, o assunto não é nunca restrito à linguagem ou ao sujeito da linguagem ou aos jogos de linguagem. Interessou-lhe mais analisar o campo transcendental sem sujeito como é a noção de acontecimento. O sentido como acontecimento é produzido entre as palavras e as coisas; uma parte volta-se para a linguagem e outra parte sobrevoa as coisas e se constitui num problema a ser investigado.

O que constitui problema para Deleuze motivando toda a sua construção filosófica é analisar este campo transcendental, mas é justamente isto que para Wittgenstein não tem interesse e pode ser resolvido apenas pelas análises gramaticais.

Ora, para Deleuze o sentido é contíguo à significação, mas pertence a um campo muito mais amplo, a rigor, ilimitado. Como elucidada Lopes (2006, p. 146), pensamento e linguagem são inseparáveis de um fluxo incessante que ultrapassa o limite que nos configura. A Filosofia da linguagem praticada por Wittgenstein, e mesmo contemporaneamente, é um campo mais afeito às práticas científicas do que à Filosofia, tal como a tradição a consagrou.

POR UMA OUTRA FILOSOFIA DA LINGUAGEM NA NOVA PRAGMÁTICA DE DELEUZE E GUATTARI

Queremos apontar em que sentido a nova pragmática de Deleuze e Guattari é uma outra Filosofia da linguagem, diferente da praticada pelos filósofos Anglo-saxões ou mesmo pela virada Linguística francesa baseada na noção de estrutura, com a qual Deleuze dialogou para entender a lógica do sentido.

A ousadia em apontar a Filosofia da diferença como uma outra Filosofia da linguagem é de Lecercle (2004) e é ousada na medida em que Deleuze resiste o tempo todo em considerar a linguagem como a questão central da Filosofia. Nessa resistência Deleuze constrói todo o seu sistema filosófico. Paradoxalmente, encontraremos o filósofo falando sobre linguagem em vários momentos de sua extensa obra. Dois dos seus textos, "Por onde se pode reconhecer o estruturalismo" e o curioso livro *A lógica do sentido*, são exemplos de sua preocupação com a linguagem nesta década francesa dos anos 1960. Como Michel Pechêux, Deleuze assume o acontecimento como um dos conceitos centrais da sua Filosofia; a parceria com Félix Guattari nos anos 1970 e 1980 trará a linguagem novamente à cena, uma vez que Félix Guattari é estudioso da Linguística e da Psicanálise lacaniana. Guattari sugere substituir a consagrada noção de estrutura pela noção de máquina, conceito que na década de 1970 é desenvolvido no livro *Anti-Édipo*, em parceria. E na década de 1980, haverá um capítulo nos *Mil platôs* para falar de linguagem, agora contemplando não só o conceito das máquinas, mas também o de agenciamento e o de minoridade da língua.

Em textos mais recentes veremos despontar ainda a noção de estilo e de agramaticalidade. Talvez esses cinco conceitos filosóficos abriguem, quiçá, a chave de uma outra Filosofia de linguagem.

Distinguimos esta outra Filosofia da linguagem justamente porque para Deleuze a linguagem é um problema. Ele dá um sentido novo ao problema, não como algo que precisa de solução ou de terapia gramatical. O problema não é levantar uma questão, de forma interrogativa, nem atribuir uma resposta para sua solução.

O problema no novo sentido filosófico emprestado de Bergson continua existindo, mesmo após suas possíveis soluções. O problema insiste e nunca se esgota em soluções.

Fazer Filosofia é para Deleuze e Guattari extrair problemas do vivido e apresentá-los em conceitos. Por exemplo, ao estudar Leibniz, Deleuze escreve *A dobra* (1991) por entender ser esse o conceito filosófico que mais se adequa ao problema principal do barroco setecentista. Extraem-se problemas do vivido de nossa existência e também do pensamento dos filósofos; ao estudar David Hume ou Emanuel Kant, o filósofo francês trará a noção de 'empirismo transcendental' com que podemos entender melhor os autores estudados; a noção de empirismo transcendental não estava em Hume e em Kant aparece como problema mal colocado, segundo Deleuze.

Ora, o problema ganha assim estatuto ontológico. Fora de qualquer preocupação filosófica, o problema acaba sendo solucionado apenas como uma questão de bom-senso ou de senso comum, o que força Deleuze pensar a gênese do sentido numa região de *non-sense*. Justamente para fugir do bom-senso e do senso comum. O problema filosófico possui então três características: é diferente em natureza de sua solução; transcende as soluções encontradas e permanece imanente às soluções que porventura viriam eliminá-lo. O problema, portanto, insiste e persiste nas soluções. Essas sim são sempre expressas em proposições particulares, enquanto o problema, como preocupação filosófica, não é proposicional, não é discursivo, não se apresenta na forma de perguntas e respostas e não pode ser expresso pela linguagem comum. Daí a irritação demonstrada por Deleuze na entrevista do abecedário com relação a Wittgenstein, na letra W do abecedário.

Reduzir a Filosofia a uma correção gramatical parece a Deleuze um retrocesso lamentável e um perigo que a Filosofia deve combater.

Antes de analisarmos as máquinas e os agenciamentos na pareceria com Félix Guattari, é importante percebermos a proximidade de Deleuze com Michel Foucault, pois é a ele que é atribuída a 'fundação' da nova pragmática. Lecercle (2004, p. 29) afirma existir uma Filosofia da linguagem implícita na exposição que Deleuze faz sobre a teoria dos enunciados de Foucault. Chamando-o de arquivista, Deleuze inicia o livro dedicado à Foucault dizendo que o novo

arquivista chegado à cidade só vai se ocupar de enunciados e não de frases ou de proposições. O próprio Foucault se diz inventor de uma pragmática do poder. Um dos conceitos principais de Foucault na questão dos enunciados não é, portanto, a significação, a intenção ou a interpretação, mas o poder. E o poder entendido não como instituições ou instâncias sociais de dominação, mas como multiplicidades de correlação de forças imanentes ao domínio em que essas forças se exercem. Forças, estamos diante de mais um conceito filosófico, agora retirado da Filosofia de Nietzsche.

Se na pragmática Anglo-saxã as palavras têm força ilocucionária imanente, aqui todo e qualquer objeto ou aspecto do mundo é descrito como constituído por forças e relações de força. Assim, não apenas a linguagem tem força e produz seus efeitos, mas todo e qualquer objeto ou processo é o resultado de forças que se apoderam deles. Nietzsche foi o filósofo que teorizou sobre as forças. Que forças são essas? São as forças da natureza, do desejo que são como uma vontade de potência ou de vida. Vida e vontade de potência se identificam. Mas não há intencionalidade nessa vontade. É mais da ordem do afeto, do orgânico, das moléculas que compõem o organismo.

Nisso Nietzsche se aproxima de Espinosa, o filósofo do século XVII que, em sua obra principal, *A Ética*, escreve sobre a origem e a natureza dos afetos, fenômenos absolutamente naturais, que seguem leis comuns da natureza. É neste capítulo sobre os afetos que Espinosa pergunta o que pode um corpo ou o que podem os afetos. Há em ambos os filósofos, tanto em Espinosa quanto em Nietzsche, uma Ética da vida, baseada no corpo, que é vida. O que pode o corpo é o que pode a vida. Para reverter o platonismo é preciso fortalecer a vida e este mundo em que vivemos.

As forças de Nietzsche não são forças apenas mecânicas, mas são também forças qualitativas construindo as verdades do mundo. Se tudo é expressão de forças não há nada estável no mundo, mas tudo está sujeito ao jogo dessas forças. As forças que nos rodeiam são de toda ordem: a força de um corpo que nos seduz, a força de uma ideia que nos deixa pensativos, a força da gravidade, a força do por do sol... são forças que nos atravessam e nos fazem devir outros. O tempo todo estamos nos transformando. E o que dizer dos artistas pintores tomados pelas forças das cores e das formas? As casas embriagadas de Soutine, os triângulos, quadrados e losangos que pululam nas telas de Kandinsky; os rostos deformados de Francis Bacon. Por isso, dizem Deleuze e Guattari que "o artista é mostrador de afetos, inventor de afetos, criador de afetos. Ele os dá para nós e nos faz transformar-nos com ele, ele nos apanha no composto" (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 227-118).

A literatura será o campo em que a linguagem mostra toda a sua força. Será por isso muito valorizada, tanto por Michel Foucault quanto por Deleuze e Guattari. Na literatura, a linguagem se liberta do significado – vale dizer, do bom-senso e do senso comum – fazendo valer as potências do falso. Os artistas descobrem novas verdades, inventando novos mundos possíveis. A linguagem poética e a noção de estilo tornam-se, por isso, importantes na nova pragmática de Deleuze e Guattari. É quando o filósofo se aproxima do poeta.

E se, como vimos, a linguagem é inseparável da materialidade do corpo e se ela carrega consigo as forças sociais, o estudo da linguagem é também inseparável de uma política de linguagem. A força Linguística fica mais explícita em *Mil platôs* (1995), com a noção da palavra de ordem, que como conceito filosófico sobre a linguagem não significa apenas ordenamentos que fazemos uns aos outros, mas discursos indiretos agenciados coletivamente, daí o novo conceito de agenciamentos coletivos de enunciação. Nesta compreensão não faz mais sentido a distinção entre língua e fala, nem a distinção entre sintaxe e pragmática. A força dos enunciados – sempre agenciados – produz as transformações incorporais, modificando os corpos e esses outra vez produzindo novos efeitos na superfície dos corpos.

Em toda a obra de Deleuze o que conta é a produção da novidade, a capacidade de encontrarmos ideias novas e não apenas reconhecer as antigas para julgar a adequação conceitual. Todo conceito é uma singularidade que cria um território ou uma vizinhança (ver em linguagem mais didática o livro *Para ler a Filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari* (MOSTAFA; NOVA CRUZ, 2009)). Estamos diante de um novo vocabulário: máquinas, agenciamento, linguagem menor, estilo, potências do falso, efeitos de superfície, corpos, mistura de corpos, desejo e forças.

Félix Guattari revisa o conceito de estrutura no início da parceria com Deleuze, substituindo-o pelo conceito de máquina. Mantém algumas características da estrutura: 1) que a estrutura é composta de duas séries heterogêneas; 2) os termos da série só adquirem significado na relação entre eles, possuindo apenas valores diferenciais. A terceira característica sobre o elemento paradoxal que circula entre as séries, articulando-as, é de certa forma substituído pelo funcionamento mais dinâmico de uma máquina. A máquina é definida em termos de cortes e fluxos permitindo com isso o movimento de conectar, montar ou desmontar de maneira mais dinâmica que a estrutura.

É o que justifica a primeira frase do livro revolucionário da década de 1970 na nova parceria de Deleuze e Guattari: “Isto funciona por toda parte...”. Alguém pensaria em começar um livro dessa maneira? Pois é como inicia o

Anti-Édipo: "Isto funciona por toda a parte: umas vezes sem parar, outras descontinuamente. Isto respira, isto aquece, isto come... Mas que asneira ter dito isto. O que há por toda parte são nada mais do que máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com as suas ligações e conexões" (DELEUZE; GUATTARI, s/d, p. 7).

Em outras oportunidades os filósofos franceses explicam que a máquina é uma singularidade, pois cria uma vizinhança de termos heterogêneos que não precisam ser contíguos. A máquina é uma forma elementar de agenciamento reunindo homem e animal, instrumento e coisa. A máquina é caracterizada por um fluxo de energia e por uma série de cortes e rupturas que dão forma ao fluxo, codificando-o. A máquina Linguística é exemplificada com a cadeia de Markov. O conceito de máquina valoriza os encaixes e os funcionamentos mais do que o significado (lembrando Wittgenstein), trazendo um sentido mais materialista das práticas sociais e abrindo a linguagem ao mundo, permitindo que ela se maquine ou se combine com as coisas do mundo ou com as outras máquinas.

Finalmente, o conceito de máquina dos anos 1970 permite avançar para o conceito de agenciamento dos anos 1980 que têm a vantagem de fugir das associações marxistas com a fábrica e suas máquinas-engrenagens. Permite também pensar o desejo sempre produtivo nos agenciamentos. É pelo agenciamento que o desejo flui. Sempre desejamos algo, mas este algo está ligado a outras conquistas e exigências ou prazeres à volta. Desejamos dentro de agenciamentos e esses são sempre processos ativos em nossa vida.

Como o sentido, o agenciamento tem dois lados: um agenciamento maquínico de desejo e um agenciamento coletivo de enunciação. Caminhamos para mais um conceito novo: o território, pois todo agenciamento se dá num território. Na lógica do sentido, dos anos sessenta, o sentido-acontecimento não envolvia a necessidade de falar em território ou processos de territorialização (com seus contrapontos na desterritorialização e na reterritorialização). Mas, nos Mil platôs dos anos 1980 haverá gráficos para explicar a tetravalência do agenciamento, envolvendo esses processos territoriais e suas linhas de fugas imanentes.

Com isto, os filósofos franceses querem acabar com o imperialismo da linguagem e a tirania do significante, esclarecendo que agenciamento de enunciação não fala das coisas, mas fala por entre as coisas, no mesmo nível ontológico das coisas.

Ainda se faz necessário salientar a questão do estilo e da agramaticalidade na sequência proposta por Lercercle (2004) em seus capítulos sobre essa outra Filosofia da linguagem. Se filosofar é expor os problemas na forma de conceitos, Deleuze extrairá da obra de Proust o problema dos signos, livro

que escreve na década de 1970. Os signos extraídos da obra de Proust são os signos da Arte. Mas Deleuze não vai entender os signos como reveladores de objetos, mas sim como essências. Não aquelas preconizadas pela Metafísica platônica-aristotélica, mas as essências como mônadas ou diferenças presentes na Filosofia de Leibniz, em que cada mônada é um ponto de vista sobre o infinito do mundo.

Portanto, a essência é este ponto de vista singular, próprio e imanente ao mundo. Quais são as essências que a obra de Arte nos transmite? Cores, sons ou palavras podem ser considerados o lado material das obras de Arte. Aí está o estilo. Um livro como *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, é uma obra de arte porque a justa medida das palavras empregadas produz um efeito inteiramente novo em nós. Nem uma palavra a mais; nem uma palavra a menos. Da mesma maneira, quando Martinho da Vila convoca seu povo de Vila Isabel a renascer das cinzas e a plantar um novo arvoredo, estamos outra vez diante de uma obra de Arte. O estilo é esse tratamento que o artista, seja na literatura, seja na música, seja na pintura, dá ao material. Relações inesperadas aparecem entre os objetos por meio da organização do material. Deleuze rejeita as metáforas simbólicas e o simbolismo preferindo falar em metamorfose para atingir as essências. O estilo está ligado à menoridade da língua, aquela habilidade que o escritor tem de minorar a língua, sendo estrangeiro na própria língua. Deleuze inicia o prólogo do livro *Crítica e Clínica* apontando “o problema de escrever: o escritor, como diz Proust, inventa uma língua nova na língua, na linguagem de algum modo estrangeira” (DELEUZE, 1997 p. 10). Mas o problema de escrever, diz Deleuze, é também “inseparável de um problema de ver e ouvir” (idem).

Ao arrastar a língua para fora dos seus limites, o escritor leva a língua a delirar e “a linguagem inteira tende para um limite assintótico, agramatical ou que se comunica com o seu fora” (idem). Outra vez aparece aqui o problema da linguagem em Deleuze quando ele diz que “o limite não está fora da linguagem, ele é o seu fora”. Não poderia ser mais bonito esse prólogo de *Crítica e Clínica*. Entretanto, o fora da linguagem não é o contexto social em suas coordenadas históricas, econômicas e sociológicas. A imagem do contexto como sendo histórico-social é uma imagem representativa do contexto. Quando Deleuze pensa o fora da linguagem refere-se a indizíveis ou agramaticais que pertencem de fato e de direito à própria linguagem. Mas já não estamos falando do uso empírico dos ditos e escritos do cotidiano ou da linguagem comum. Trata-se da linguagem artística, literária ou poética. Trata-se justamente de ultrapassar os limites da linguagem comum. No exercício de nossas faculdades, sentimos e

imaginamos coisas nos limites do pensável e do imaginável. Mas como pensar o que ainda não foi pensado? Como engendrar o pensar no pensamento? Como tornar um pensamento necessário? Essa é a questão de Deleuze em *Diferença e Repetição*, no capítulo sobre a imagem do pensamento. Na maior parte do tempo realizamos movimentos em que o pensamento apenas reconhece o que já nos é familiar; para tal o pensamento faz um uso empírico das nossas faculdades de sentir, lembrar, imaginar ou entender.

Entendemos um procedimento no trabalho ou na vida familiar, imaginamos uma viagem, lembramo-nos de um amigo, comentamos sobre o tempo. Mas nada disso ainda é fazer uso superior das faculdades. Esse uso só virá por arrombamento quando seremos forçados a pensar o novo, independentemente da nossa vontade. O que Deleuze está propondo com a noção de estilo e agramatical é que algo força a linguagem a ultrapassar os seus limites.

Como comenta Almeida (2003 p. 187), "algo que só pode ser dito e ao mesmo tempo é indizível", mas que só a linguagem teria o poder de apreender, pois não pode ser dito no exercício empírico. Se no uso superior da faculdade de sentir a sensibilidade é compelida a sentir o *sentiendum* (o insensível que só pode ser sentido), se a memória ascende ao imemorial se recordando do memorando que só pode ser lembrado, se o pensamento pode apreender o *cogitandum* (impensável que só pode ser pensado), a questão de Deleuze com a linguagem é saber se ela também não comportaria um "*loquendum*" (o indizível inapreensível pelo uso comum das palavras, algo que só pode ser dito, mas que, ao mesmo tempo, é indizível).

Parece que Deleuze dá duas respostas a esta questão: o sentido é o próprio da linguagem; ele só pode ser dito, mas é ao mesmo tempo indizível. No uso empírico, o sentido só pode se expressar por paradoxos. A outra resposta podemos encontrar nesta categoria do estilo, que como conceito filosófico nada tem a ver com ornamento ou com o talento pessoal de um escritor ou pintor. No caso da linguagem literária ou poética, o estilo aparece como economia da língua (DELEUZE, 1997 p. 128).

Os temas *loquendum*, sentido, uso superior, indizível são todas expressões que arrastam a linguagem aos seus limites, produzindo rachaduras que fazem "escapar os indizíveis ou aquilo que ainda não é dizível mas, ao mesmo tempo o que deve ser dito" (ALMEIDA, 2003 p. 189). É o que faz Deleuze e Michel Foucault apreciarem tanto a literatura. Na literatura, a linguagem é levada aos seus extremos, aos seus limites, ao seu fora. Mas como esclarece Deleuze, é um fora não exterior "um fora mais longínquo que toda forma de exterioridade e um dentro mais profundo que todo o mundo interior" (DELEUZE, 2005 p. 129).

As artes e a Filosofia se aproximam no tema da exterioridade. O conto literário de Herman Melville, chamado *Bartleby*, o escriturário é um exemplo, dentre tantos recolhidos por Deleuze na literatura americana para evidenciar o confronto que a linguagem trava com o seu puro exterior. Deleuze extrai daí a potência do silêncio produzida pela fórmula “eu preferia não” repetida inúmeras vezes pelo personagem-escriturário, este homem sem qualidades que se nega reiteradamente a realizar as tarefas a ele delegadas: “Eu preferia não” é a fórmula que Deleuze extrai do texto, explicando que esta gagueira da linguagem ou esta agramaticalidade possui a potência de mudar o mundo. As artes ajudam a mudar o mundo porque produzem este estranhamento que nos força a pensar involuntariamente. Assim também a Filosofia quando capta o acontecimento e o expressa em conceitos.

A literatura leva a linguagem aos seus limites, ao seu fora, ao seu silêncio, diz Deleuze (1997, p. 128). Não o silêncio do nada, mas o silêncio criado pela linguagem, aquele que produz as transformações incorporais e mudam nossa existência. Minorar a língua – torná-la menor – é o procedimento de certos romancistas e poetas ao levarem a língua aos seus limites. Com este conceito de língua menor sai-se da representação e adentra-se ao campo das forças e das relações entre as forças capturadas em agenciamentos de desejo e de metamorfose. Trata-se de uma outra Filosofia da linguagem, uma antivirada Linguística, talvez. Experimentada n’O caso do cientista da informação que estudava Filosofia e adorava literatura (NOVA CRUZ; MOSTAFA, 2012).

A IMPORTÂNCIA DO DEBATE PARA A EDUCAÇÃO

Da leitura dos analistas das referências teóricas educacionais praticadas nas dissertações e nas teses de mestrado e doutorado aqui mencionados, alinhados nas premissas do materialismo histórico, ficamos com a sensação de que esses autores desautorizam as teorizações das chamadas contribuições pós-modernas, pois elas representam um ‘recuo’ das teorias ou das posições verdadeiramente sérias em educação. Há, sem dúvidas, especificidades nas teorizações praticadas pelos autores da abordagem crítico-dialética, por exemplo, Sacardo (2011), outra autora baseada nas matrizes desenhadas por Sánches Gamboa (Idem, 1998), baseia-se na teorização de Karel Kosik, enquanto Hostins apoia-se na ontologia luckasiana. Mas o comum entre esses autores brasileiros é desaconselhar, em suas sínteses, filosofias e autores desenvolvidas no pós maio de 68, uma vez que as premissas materialistas e históricas do marxismo não estão ali configuradas. Como entendemos que toda síntese precisa ser novamente aberta à discussão

é que colocamos mais argumentos a favor de Deleuze na construção das referências teóricas em educação. Não é o momento para adentrar os conceitos da filosofia da diferença além dos já mencionados. A própria contribuição de Michel Foucault para a educação brasileira dispensa apresentações; não pudemos desenvolver aqui toda a riqueza da noção foucaultiana sobre a materialidade dos 'enunciados', mas gostaríamos de salientar que esses autores não podem simplesmente ser agrupados num final de frase como representantes de uma 'virada linguística' e, como tal, dispensáveis. É preciso discuti-los na especificidade de suas contribuições.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. **Estudos deleuzianos da linguagem**. Campinas, Ed. UNICAMP, 2003.
- COELHO, M. **O referencial teórico das teses em educação da área de Fundamentos da Educação do PPGE/UFSCAR**: um estudo epistemológico e bibliométrico da produção científica 1993-2007. 415 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, 2013.
- COLE, D. R. Deleuze and the narrative forms of educational otherness. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Nomadic Education**: variations on a theme. Rotterdam: Sense, 2000. p. 17-34. (Educational Futures: Rethinking theory and practice, 18)
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: 34, 1997.
- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: ed. Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, 1997, v. 1.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, 1995, v. 2.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo: 34, 1997.
- HOSTINS, R. C. Formação de pesquisadores em programas de excelência de pós-graduação em educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 53, abr./jun. 2013.
- LECERCLE, J. J. **Deleuze and language**. Palgrave Mcmillan, 2002.
- LOPES, L. M. **Teoria do sentido em Deleuze**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: 2006.
- McCLURE, B. Schizoanalytic investigations: Deleuze-Guattari and Wittgstein. In:

_____. **Between the seen and the said:** Deleuze-Guattari's pragmatics of order-word. tese (doutorado) – University of Warwick, Department of Philosophy, 2001.

MOSTAFA, S. P. **Filosofia da diferença e a ciência da informação.** Rio de Janeiro: E-papers, 2013. 128 p.

MOSTAFA, S. P.; NOVA CRUZ, D. V. **Para ler a Filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari.** Campinas: Átomo, 2009.

NOVA CRUZ, D.; MOSTAFA, S. P. O caso do cientista da informação que estudava Filosofia e adorava literatura. In: ALMEIDA, M. A. (Org.). **Ciência da Informação e literatura.** Campinas: Alínea, 2012.

SACARDO M. S.; **A pesquisa em educação física na região centro-oeste do Brasil:** uma análise bibliométrica e epistemológica. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UFSCAR, São Carlos, 2011.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. Á. **Epistemologia da Pesquisa em Educação:** estruturas lógicas e tendências metodológicas. 1987. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, UNICAMP.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. Á. **Fundamentos para la investigación educativa:** presupuestos epistemológicos que orientam al investigador. Santa Fé de Bogotá: Cooperativa, Editorial Magisterio, 1998.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. Reações ao giro linguístico: o resgate da ontologia do real, independente da consciência e da linguagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIENCIAS DO ESPORTE/CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIENCIAS DO ESPORTE, 15. e 2., 2007, Recife. **Anais...** Recife: CONBRACE, CONICE, 2007.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas.** São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Col. Os Pensadores).

WITTGENSTEIN. **Tractatus Lógico-Philosophicus.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

NOTA

1 GRECO, J.; SOSA, E. (Org.). **Compêndio de epistemologia.** São Paulo: Loyola, 2008.

Artigo recebido em 04/08/2014

Aprovado em 23/09/2014